

FERNANDO RUSSELL CORTEZ

(Portugal)

## Aspectos do neolítico de Portugal

Por estas regiões do centro de Portugal, ao clima húmido e frio da época glaciária, deve ter sucedido um clima seco, e ecológicamente estepário. Então, a flora permite o desenvolvimento duma fauna herbívora de corredores. Aparecem as populações dos caçadores, floresce uma arte pictórica, relacionada com os **totens**, da qual são sobrevivência as pictografias da Queiriga. O Beirão seria então, um continental a percorrer, qual nómada, as pradarias, os chãos dos vales, perseguindo as manadas dos bois, dos porcos, de cavalos e de veados.

Depois, em novas ténporas, sucedem grandes mudanças climáticas. A aridez vai progredindo por extensas regiões sub-tropicais e as civilizações estepárias desenvolvidas nestas regiões da Ásia Central e do Saara, entram em conflito com o meio ambiente e iniciam-se grandes migrações. A Humanidade vê-se então compelida para o Mar, embora não esteja a ele habituada e ainda o não saiba dominar. A medida que estas condições climáticas se vão acentuando, nos bordos Oceânicos da Europa, disfrutar-se-ia um clima moderado e húmido, condicionado às influências do Gulf-Stream e da Zona Ciclónica da Islândia. Os bosques de árvores de folha caduca, progridem nas estepes paleolíticas. Numerosas espécies arbóreas refugiadas na região mediterrânea remontam novamente para o Setentrão.

Estas modificações climáticas provocam então importantes migrações humanas que, convergindo no sentido do Mediterrâneo, formariam uma mescla de homens e ideias, logo disseminadas atra-

vés das suas margens, levando no seu deambular, o produto da sua experiência, das suas invenções.

Entre as novidades apontadas sobressaem novas técnicas, que generalizadas, haviam de permitir que o homem resistisse melhor aos contrastes climáticos.

Aprendem a conhecer melhor, e a aproveitar os frutos daquelas plantas que maiores reservas alimentares continham. Iniciam a agricultura pela selecção das sementes. Ao mesmo tempo generalisa-se a domesticação de animais, nomadizando-os, progressivamente, com o homem. Utilizam, em larga escala, a plasticidade da argila, descobrem a olaria; julgo que esta técnica foi descoberta simultaneamente em diversos rincões, ou então pelos paleólitas saharianos.

Toda esta humanidade, repelida pelas estepes em vias de desertificação, trazia consigo não só os frutos da sua experiência, da luta rude contra a aridez, como múltiplas apeirias agrícolas: vários sistemas de cultivo, diversas técnicas de construção, desde o aparelho da pedra a seco, até à cabana fruste de peles ou de ramaria entrançada e barrada.

Tinhamos chegado aos tempos ditos neolíticos, a uma humanidade, meio nómada, meio sedentária.

Os caçadores transformam-se em pastores, os recoletores em agricultores.

Os neolitas ganadeiros e agricultores, de economia matriarcal, sociedade onde a mulher tinha preponderância, na sua expansão através das margens do Mediterrâneo atingiram bem cedo a faixa Atlântica da Península, como as camadas neolíticas de Muge, das Areias Altas, do Castro de Figueiró da Granja, o comprovam. Integraram-se entre a população local que continuava a utilizar os seus micrólitos nos pavis do Tejo, nas margens do Mondego ou os picos e raspadores da orla litoral do Noroeste Peninsular.

Para a solução deste apaixonante problema da transição do Mesolítico ao Neolítico, nenhuma estação como os concheiros de Muge pode fornecer melhores elementos, maiores possibilidades de avaliação, em especial sobre a, ou não, existência de influências africanas nas populações de caçadores já sedentarizados que ocupavam a Península desde o Paleolítico superior até ao Neolítico.

As conclusões que têm sido tiradas do estudo das indústrias de Muge são variadas. Hugo Obermaier, de acordo com Breuil, inclui-as no epipaleolítico, fala-nos do Capsense ou do Capso-Tardenoi



siense. Mendes Corrêa mostra depois, a existência de diferenças entre os vários concheiros, entre os vários locais de habitação destas populações ribeirinhas do Tejo, que muito devem ter perdurado.

Há concheiros que devem ter sido contemporâneos e abrangem culturalmente várias vidas do homem post-quaternário, continuando este a utilizar uma indústria lítica na qual os micrólitos vão logrando um emprêgo sempre crescente.

O concheiro melhor conhecido é o da Amoreira. Revelou-nos uma indústria que, para Mendes Corrêa, Breuil e Obermaier, reflete uma acentuada influência capsense nos seus triângulos. Tipologicamente encontramos no Cabeço da Amoreira, lâminas finas, de dorso rebatido, os crescentes, os triângulos e os trapézios são mais raros (1).

Outros concheiros, como o Cabeço dos Morros (2), fornecem lâminas retocadas e trapézios cuja tipologia perdurou até ao Neolítico.

Igualmente para Bosch Gimpera (3) os negroides de Muge seriam originários do mesmo foco de que resultaram os homens do Neolítico africano de tradição capsense, em que também se encontra, um duplo elemento doliocéfalo e braquicéfalo.

A suposição da perduração do povoamento da região de Muge no de albar dos tempos Neolíticos não é gratuita, antes é confirmada pelo aparecimento no Cabeço da Amoreira de um bem conservado vaso hemisférico, sem ornamentação que junto a muitos outros restos cerâmicos nos mostra a ocupação tardia dos concheiros (fig. 1) (4).

Ao considerar em 1934 alguns novos elementos cronológicos obtidos no decurso das excavações dos concheiros de Muge, Mendes Corrêa, refere o Cabeço da Amoreira e ensina: "Apareceram alguns fragmentos cerâmicos, mas que, sem dúvida, se podem considerar provenientes de intrusões ulteriores, são, porem, de notar,

---

(1) A. A. MENDES CORREA: "Novas estações líticas em Muge", I Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940.

(2) A. DO PAÇO: "Novos concheiros do vale do Tejo", in *Brótéria*, volumen XXVIII, fasc. 1, Lisboa, 1938.

A. A. MENDES CORREA: *Op. cit.* in nota 1.

M. ALMAGRO BASCH: "Los problemas del Epipaleolítico y Mesolítico en España", *Ampurias* VI, Barcelona, 1944, pág. 2.

(3) P. BOSCH GIMPERA: "El mesolítico europeo", *Ciencia*, VII, México, 1946, pág. 301.

(4) A recolha deste importantíssimo documento deve-se ao Dr. Alfredo de Athayde, do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.

um vaso grosseiro, sem decoração, de fabrico manual (fig. 1, núm. 1), com aspecto neolítico, e dois fragmentos com mamilos perfurados (fig. 1, núm. 2), possivelmente também subsequentes ao Me-

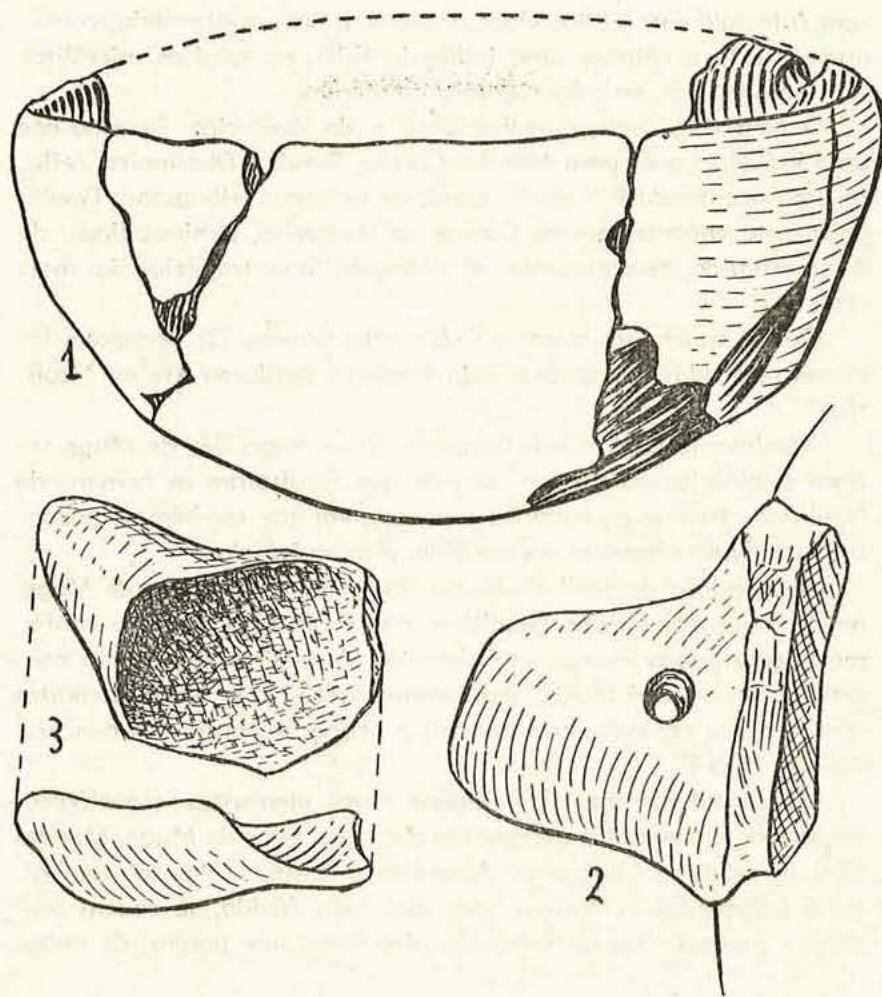


Fig. 1 (T. n)

solítico. E imprudente considera-los, sem hesitação, da camada arqueológica mesolítica. Nesta abundam apenas pedaços informes de barro mal cosido" (5).

(5) A. A. MENDES CORREA: "Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge", Anais da Faculdade de Ciências do Porto, XVIII, Porto, 1934, página 7.



Vemos pela douta opinião, acabada de transcrever, que os habitantes dos concheiros de Muge já conheciam a utilização da plasticidade da argila, largamente utilizada no revestimento das empalissadas, das empenas, das lareiras, das choças que lhes serviam de moradia.

Talvez não se possa perfilhar a opinião de que o vaso cerâmico encontrado resultasse duma intrusão, ocasional e posterior, uma vez que os estratos não apresentavam sinais de revolvimento, não é defensável a progressão do vaso devido à acção da gravidade, todos os fragmentos estavam juntos *in situ* (lám. I, 1). Se o vaso fosse posterior à constituição do respectivo horizonte arqueológico do concheiro, igualmente teríamos de considerar como posteriores alguns crâneos que foram recolhidos na sua imediata proximidade.

Poderíamos supor a existência, com tais testemunhos, como por outras razões o afirmou Breuil e, subsequentemente, Obermaier (6), duma etapa proto-neolítica para o final da ocupação humana que os rebotalhos de Muge representam. No entanto melhor será valorizar os achados cerâmicos, esperando que ulteriores investigações nos concheiros nos tragam, melhores e mais numerosos, informes para o estabelecimento duma cronologia relativa entre os vários concheiros e a possibilidade de situar mais exactamente a data do abandono daqueles lugares.

E minha impressão de que o *terminus* da ocupação humana dos concheiros de Muge deve estar ligada com a chegada das gentes portadoras do machado cilíndrico, domesticadora do cerdo e duma agricultura aperfeiçoada. "A descoberta no Cabeço da Amoreira, de covas, abertas na areia estéril da base e cheias de conchas (muitas por abrir), carvões, espinhas de peixe, etc. evoca a ideia de depósitos de provisões, como os silos da aldeia de El Garcel, explorada por Siret. Mas estes eram maiores e mais complicados e a estação de El Garcel, embora tardenoisense e com uma utensilagem microlítica, possuía já pedra polida, que não existe em Muge" (7).

Aparece-nos portanto de mistura com uma indústria microlítica, de fácies tardenoisense, um vaso cerâmico manual, cozido ao sol, de fundo hemisférico, e muitos outros fragmentos de argila,

---

(6) H. OBERMAIER: "El hombre fósil", Memoria núm. 6 de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 2.<sup>a</sup> edición, Madrid, 1925, página 395.

(7) A. A. MENDES CORREA: Op. cit. in nota 5, pág. 5.

seca ou endurecida ao sol e ao fogo que parece ter servido para proteger, revestindo, as paredes feitas de restos vegetais. Foi também encontrada uma colher de cabo curto, feita no mesmo barro do vaso hemisférico atrás descrito, semelhante a outras encontradas nas Antas da Beira Alta e do Alentejo Oriental (fig. 1, núm. 3).

É comparável á que foi encontrada em Las Peñas de los Gitanos (Montefrío, Granada) e hoje se encontra no Museu de Granada (8).

A colher aparece igualmente na Anta do Rio Torto, Beira Alta, num espólio essencialmente neolítico (9). Aparece igualmente nos silos de Campo Real, na Andalucía (10).

A colher de cabo curto é típica do Neolítico Ibérico e do oeste da Europa, figurando entre os objectos que o liga ás culturas neolíticas mais antigas do Vale do Nilo (11).

Para Gordon Childe (12) a civilização Tardenoisense, é testemunhada pelo aparecimento de silices pigmeus, ou micrólitos engenhosamente talhados segundo formas geométricas regulares, utilizados por populações que acampavam exclusivamente em terrenos arenosos (13), em parte consolidados e revestidos de mato (14), abrigando-se em cabanas construídas de vimes ou ramaria revestida de barro, enterradas parcialmente no solo. Deste revestimento apareceram inúmeros testemunhos na excavação dos con-

(8) J. EGUARAS IBAÑEZ: "Museo Arqueológico de Granada. I, De la Memoria", Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales, 1947 (Extractos), Vol. VIII, Madrid, 1948, pág. 127, est. XXXVII, 9.

(9) Museu Etnológico de Belém, núm. 9.288.

(10) G. e V. LEISNER: "Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Süden", Band 17, Römisch-Germanische Forschungen, Berlin, 1943, est. 162, A, 13-2.

J. SAN VALERO APARISI: "La Península Hispánica en el mundo neolítico". Nota núm. 3 do Seminario de Historia Primitiva del Hombre, Madrid, 1948, página 31.

J. DECHELETTE: "Manuel d'Archéologie", I, Paris, 1924, pág. 555, fig. 202, 1-5.

J. PHILIPPE: "Cinq années de fouilles au Fort Harrouard", Rouen, 1927, est. XXVI, 1, 3, 6, 13.

O. MENGHIN: "El origen del pueblo del antiguo Egipto", Ampurias, IV, Barcelona, 1942, págs. 25-41, est. VI.

(11) G. e V. LEISNER: "Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal". Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1951, pág. 100.

(12) V. G. CHILDE: "L'aube de la civilisation européenne", 4.<sup>a</sup> edic., Paris, 1949, pág. 24.

(13) J. G. D. CLARK: "The Mesolithic Settlement of Northern Europe", Cambridge University Press, 1936, págs. 190-194.

(14) V. G. CHILDE: Op. cit. in note 12, pag. 24.



cheiros de Muge, constituídos por argila endurecida, com moldagens de vegetais incorporados na pasta.

O Tardenoisense teria a sua origem no recuo para o setentrião no fim da época glaciária, de emigrantes afugentados pela dessecação do Sahára. Conservariam a sua forma de viver primitiva; nos seus instrumentos perduraria a tradição microlítica, embora na sua vizinhança existissem populações com uma economia de carácter neolítico, onde se conhecia já a técnica da produção de alimentos.

O aparecimento de vasos cerâmicos neolíticos, em Muge e nas Areias Altas, Porto, num meio industrial de carácter Mesolítico ou Asturiense não é caso único. Podemos encontrar inúmeros paralelos em Sauveterre (Lot-et-Garonne) foram encontrados micrólitos tardenoisenses associados com cerâmicas, decoradas com os dedos, e, pontas de flecha (15).

Certos tipos tardenoisenses —trapézios e crescentes— de uso corrente entre estas populações da Península Hispânica, da França e da Rússia Meridional, podem denotar a absorção dos caçadores desta época pelas populações produtoras de alimentos. O micrólito não deve pois ser tomado como sinónimo de Mesolítico (16).

Consequentemente e ao que parece, uma parte dos estratos de Muge, com os seus leitos de pouca regularidade, ou dispostos em camadas discordantes, estão já matizados com elementos de Neolítico, chegados das zonas costeiras do Mediterrâneo, com cerâmica; comparar o vaso e demais indústrias com os materiais da Cova de la Rabosa ou dos Melones de la Valltorta (Albocácer, Castellón) (17).

Este achado de restos cerâmicos em Muge vem esclarecer a época transitiva Mesolítico-Neolítica na Península, confirmando os elementos entrevistos na excavação da Cueva de la Cocina (Dos Aguas, Valência), onde o seu nível I (18) forneceu cerâmica feita à mão, geralmente muito tosca, de pasta mal preparada e de cocção defeituosa e que pelo seu espólio foi incluída no Neolítico inicial, no entanto, culturalmente mais rico que o de Muge; aqui não foi encontrado qualquer instrumento lítico polido. Nesta gruta

---

(15) L. COULONGES: "Les Gisements préhistoriques de Sauveterre-la-Léman-ce (Lot-et-Garonne)", Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine, Mémoire 14, Paris, 1935, pág. 26.

(16) V. G. CHILDE: Op. cit. in nota 12, pág. 26.

(17) M. ALMAGRO: Op. cit. in nota 2, pag. 15, fig. 11.

(18) L. PERICOT GARCIA: "La cueva de la Cocina (Dos Aguas). Nota preliminar", Archivo de Prehistoria Levantina, II, 1945, Valencia, 1946, pág. 39-71.



aparecem também pontas con pedúnculo lateral tal qual no Cabeço da Amoreira e no Cabeço dos Morros.

Segundo Pericot: "El paralelo con Muge es tentador. Pero la cronología de sus concheros es difícil. En este momento diremos sólo que caso de aceptarse el paralelo, el Cabezo de Amoreira sería el equivalente de nuestros niveles medio y superior" (19). Confirma-se assim que os começos do Neolítico transcorrem na Península, dentro dum mundo mesolítico de pequenos caçadores, o qual perdura no instrumental que continuará constituindo a base industrial em que se apoia o Neolítico, durante larguíssimos anos (20).

O Neolítico inicial de Muge seria pois representado por cerâmica grosseira, feita à mão, sem ornamentação, utilizando como material plástico o barro impuro local. Não aparecem muitos restos de instrumentos de pedra polida. Entre os achados de Concheiro da Moita de Sebastião encontraram-se igualmente fragmentos de argila de cabana e restos de louça grosseira ligeiramente ornamentada (21).

Deste mesmo lugar são os ossos polidos, placas de xisto com cavidades pouco profundas, obtidas por rotação e calhaus arredondados e muito bem polidos numa das extremidades.

Esta fase nova dum Neolítico, integrado num meio industrial de forte tradição Mesolítica, é ampliada pela consideração do espólio da sepultura de Vale das Lages, onde, entre os micrólitos trapezoidais, já evoluídos, nos aparece um instrumento polido neolítico (22). E mais uma vez verificada a perduração de elementos arcaicos entre populações que, influenciadas por novas descobertas, continuam vivendo a sua primitiva cultura. No entanto, não deixamos de referir a forte sobrevivência dos micrólitos que chega á cultura dos sepúlcros megalíticos do ocidente atlântico, no seu período mais remoto ou recente.

Passar-se-ia o mesmo que em Campigny (Seine inférieure) outrora indicada como uma estação-tipo de Civilização Mesolítica, que é agora considerada como o estabelecimento característico dos ini-

---

(19) L. PERICOT GARCIA: Op. cit. in nota 18, pág. 67.

(20) F. JORDA CERDA e J. ALCACER GRAU: "Las pinturas rupestres de Dos Aguas (Valencia)", Serie de Trabajos Varios del S. I. P., núm. 15, Valencia, 1951.

(21) N. ABERG: "La Civilisation Néolithique dans la Péninsule Ibérique", Uppsala, 1921, pág. 12.

(22) A. A. MENDES CORREA: "A sepultura neolítica do Vale das Lages e os eólitos de Ota", Butlletí de l'Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistòria, vol. III, Barcelona, 1925, pág. 117-146.



cios intrusivos da Civilização Neolítica ocidental na França, tal como para a Dinamarca é a cultura de Erteboelle.

Paralelamente com a cultura microlítica dos concheiros de Muge, desenvolve-se ao norte do Douro uma outra cultura, o Asturiense.

Nesta época a utensilagem de tradição paleolítica, feita de osso, é reduzida, sendo ao contrário, numerosos os artefactos chamados **picos**: singelos godos trabalhados unifacialmente e mais ou menos aguçados, terminados em ponta e que deviam servir, principalmente, para destacar dos rochedos os moluscos constitutivos, quase exclusivamente, da alimentação destas gentes.

Com estes instrumentos aparecem, em alguns casos, desperdícios da cosinha dos seus usuários e a sua situação denota uma habitação ao ar livre, vida somente possível dentro de um clima mais quente, não só que o das anteriores ténporas paleolíticas ou epipaleolíticas mais também igualmente que o do norte da Europa, onde decorre o Mesolítico II (23). Pelos mesmos considerandos se conclue que tal clima seria ainda mais cálido que o actual.

Supõe-se que, nestas regiões do noroeste peninsular, a indústria do Paleolítico inferior, do tipo de machadinhas, persiste e não quebra a continuidade durante os tempos mesolíticos. Ao que parece, estas populações ficaram isoladas e qualquer mudança climática modificou a sua forma de vida; volvem a ser principalmente recolectores e a sua alimentação fica quasi que circunscrita aos moluscos do litoral. Serpa Pinto acreditou na origem portuguesa desta cultura, onde, no norte, se acantonaria uma população marginal, descendente do paleolito remoto, população que manteria alguma das suas técnicas industriais. Pode relacionar-se o godo talhado em bico do Asturiense com os antiguos instrumentos paleolíticos.

Este conjunto cultural aparece-nos, nos seus níveis superiores, misturado com cerâmica grosseira, de paredes grossas e sem decoração, o que nos leva a supor estarem já estas populações em relação com o Neolítico de tradição mediterrânea.

No entanto, esta cultura, a avaliar pelas minhas excavações do povoado das Areias Altas (Porto), perdurou ao longo de todo o Epipaleolítico, chega mesmo a um Neolítico avançado, já conhece-

---

(23) P. BOSCH GIMPERA: Op. cit. in nota 3, pág. 30.

dor da metalurgia, porém com poucos instrumentos de talhe microlítico, sem armas polidas, sem pontas de flecha de talhe bifacial.

Constatamos assim que a introdução das invenções neolíticas deve ter seguido um caminho marginal e marítimo (?) e que só a cerâmica é novidade, uma vez que, quer nos concheiros de Muge, do Porto, dos Cantabros e Astúrias, não nos aparecem instrumentos líticos polidos.

Defende Martínez Santa-Olalla a existência de um Neolítico antigo caracterizado por uma indústria muito primitiva, correspondente a um Neolítico de machadinhas, pertinente ao complexo campinhiense, paralelo a um outro Neolítico, que se poderia chamar capsense com a sua indústria microlítica de sílex, que se ajusta ao complexo cultural de lascas pequenas e lâminas de trabalho fino e cuidado de formatos sumamente especializados, incluídos na denominação vaga de tardenoisense (24).

Pouco sabemos acerca da chegada das primeiras gentes conhecedoras da cultura agrícola primitiva, ou antes, se preferimos, da expansão dos costumes que as levam a esta forma de economia. É uma questão por agora difícil uma vez que grande parte dos materiais recolhidos, não o foram e em muitos casos, com um método assaz perfeito, pelo que nos temos de socorrer dum arrumo provisório, estabelecendo para tal uma sistemática tipológica, sempre defeituosa por subjectiva.

No momento não nos podemos pronunciar sobre a derrota seguida por estes elementos culturais trazidos, provavelmente, por povos de tipo levantino que procuravam, tanto os terrenos marginais dos rios (Muge e Areias Altas) (lám. I, núm. 2), como as alturas de fácil defesa, do interior (Figueiró da Granja, Corgo da Maga). Na zona granítica do centro de Portugal não aparecem as grutas pelo que não são habituais estas formas de residência do neolito. Com o desenvolvimento do estudo dos restos do Castro de Figueiró da Granja ou do Corgo da Maga melhor conheceremos o viver colectivo destas populações.

No entanto, a agricultura de enxada seria ainda reduzida; perdurariam os hábitos caçadores e a recollecção constituiria a prin-

---

(24) J. MARTINEZ SANTA-OLALLA: "Sobre el Neolítico antiguo en España", *Atlantis, Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, vol. XVI, Madrid, 1941, pág. 100.



principal base económica. Pelo que sabemos, coexistiriam nesta região interamnesse (Tejo-Douro) duas civilizações distintas: uma de agricultores, outra de pastores, de tradição vetusta; ambas utilizavam a caça e a pesca como uma das suas bases para a obtenção de alimentos.

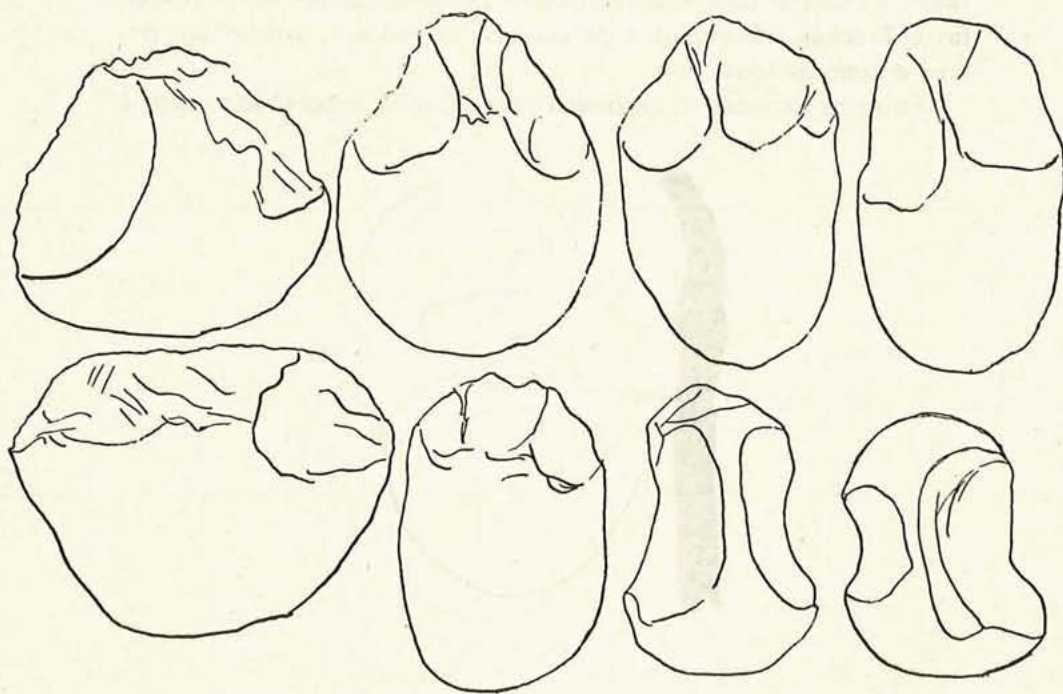


Fig. 2

A perduração no povoado das Areias Altas de instrumentos de tipo Asturiense (fig. 2), associados a cerâmicas dum Neolítico final, ou princípios do Bronze I (fig. 3), pode indicarnos a perduração local de populações recolectoras, bem alimentadas, cuja localização não impunha a qualquer razão que as obrigasse a modificar grandemente a sua economia. Se o aparecimento de moedas nos indica já o cultivo de cereais, a sua topologia litoral, numa costa rochosa, abundante de mariscos e pescado, não os obrigava a lançar mão da pastorícia em larga escala. Tal situação não implicava uma disciplina austera como a da vida em aglomerados. Ao contrário as populações dos planaltos da Beira Alta, representada pelas primeiras camadas do Corgo da Maga e do Castro de Figueiró, tinham que basear a sua alimentação na caça e na domesticação

dos animais, além do cultivo de cereais, pois que nestes povoados igualmente nos apareceram pedras de moinho.

Sobre o ponto de vista económico podemos considerar os habitantes do povoado das Areias Altas, como pescadores e agricultores (com réplica actual nas populações de Aver-o-Mar, Aguçadoura e Apúlia) que se alimentavam de moluscos do litoral (**Patellas** e **Trochus** sobretudo) e de cereais farinados e cozidos em pedras enrubescidas.

Entre os achados, a cerâmica tem especial importância. Esta é

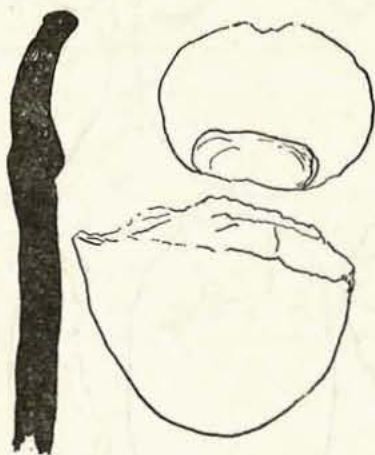


Fig 3

sempre o testemunho seguro e ligado mais intimamente a uma cultura. Desempenha um papel essencial, não só porque temos de apreciá-la como objecto de uso diário, pela sua feitura, forma e decoração, mas também quais os processos técnicos seguidos e estilo artístico em que podem ser agrupados. Por consequência, documenta-nos os elementos culturais imprescindíveis para a apreciação das relações que existiram entre duas culturas e suas influências recíprocas.

A cerâmica das Areias Altas tem no seu conjunto um carácter que me leva a incluí-la entre as cerâmicas neolíticas, embora dois rojões de fundição nos testemunhem já um conhecimento da técnica metalúrgica. Seriam pois já contemporâneas do eneolítico (Bronze I) como os vários vasos cónicos (fig. 4, núm. 1) e outros de fundo plano (fig. 4, núm. 2 e 3) parecem comprovar.

A existência destas cerâmicas toscas, lisas, com relevos jun-



to dos bordos ou em seguimento das asas que são tubulares e horizontais (fig. 4, núm. 5), descobertas com um instrumental de tipologia e técnica asturiense (fig. 2 e 3), bem pode corroborar a tese de Pericot (25), defendendo a existência de uma fase proto-neolítica, no Levante, com cerâmica lisa, anterior à chegada da cultura hispano-mauritana, à qual é peculiar a cerâmica profusamente decorada.

Rastreamos certos contactos entre algumas cerâmicas das Areias Altas e outras descobertas na "Cueva de la Sarsa" (Bocairente, Valencia) se compararmos da técnica constructiva das asas que se prolongam pelo colo do vaso (tipo 4 de forma das vasilhas de Neolítico Hispano-Mauritano) por dois cordões em relêvo (26).

Alguns destes vasos, cuja galba tem por protótipo a dos odres anteriores, apresentam o seu fundo hemisférico mais aplanado. Em alguns exemplares chega a ser completamente plano (fig. 4, núm. 2 e 3).

Pode dizer-se que o fragmento de um vaso de pasta escura, muito polida, de fabrico cuidado e rica ornamentação e de galba carenada, talvez nos possa testemunhar a influência dos neolitos hispano-mauritanos (fig. 4, núm. 7).

Ressalta-se que entre as cerâmicas recolhidas, nas habitações deste povoado, apareceram numerosos restos de vasos de perfil ovoide (?), cujo fundo era sustentado por um pé cónico, de anel basal, com certa semelhança aos que são abundantemente encontrados na cultura predinástica de Maadi. Este anel basal encontra-se também em Beni-Salame; no entanto são mais raros no Egipto Superior (fig. 4, núm. 6).

De momento só encontramos minguado paralelo entre estas cerâmicas de anel basal e perfil ovoide e um vaso cónico de anel basal encontrado na gruta de Porto-Covo, a norte de Cascais (27).

Nos vasos das Areias Altas aparecem os mamilos ovalados dispostos paralelamente a os bordos, o que parece indicar destinarem-se a fins práticos, facilitando a suspensão, embora alguns sobres-

---

(25) L. PERICOT GARCIA, Prólogo in F. JORDA e J. ALCACER GRAU: "La Covacha de Llatas (Andilla)", Serie de Trabajos Varios del S. I. P., núm. 11, Valencia, 1949, pág. 7.

(26) J. SAN VALERO APARISI: "La Cueva de la Sarsa (Bocairente-Valencia)", Serie de Trabajos Varios del S. I. P., núm. 12, Valencia, 1950; est. III, 1; IV, 1.

(27) A. DO PAÇO e M. VAULTIER: "A gruta de Pôrto-Covo", Publicações do Congresso Luso-Espanhol do Porto, t. VIII, Porto, 1943, fig. 4, núm. 12.

saíam tão pouco que podemos considerá-los antes destinados a cumprirem meras funções ornamentais (fig. 4, núm. 1 e 3).

Todas estas saliências, bem como as asinhas perfuradas podem relacionar-se com os povos neolíticos. São frequentes no mobiliário clástico das grutas portuguesas (28). Aparece tal decoração em alguma das Antas da Beira: Anta da Sobreda, Orca do Tanque, Orca das Antas, sendo no entanto raro o seu encontro, nas construções megalíticas das demais regiões. A sua posição cronológica, e a sua atribuição ás culturas neolíticas, é confirmada por se ter encontrado cerâmica deste tipo em estratos mais baixos do que a cerâmica campaniforme (29).

Desta espécie de cerâmica há substancial testemunho logrado no exame dos espólios de sepulturas e grutas da Península e similares estações do Oeste europeu (30).

Para Leisner estes mamilos têm um significado religioso quando vemos dois deles juntos, quer por baixo do bordo, quer na parte superior do corpo do vaso (31).

Os vasos pequenos esféricos que são típicos da cultura das antas eneolíticas do Alentejo e frequentes nas grutas artificiais e nas antas da Beira Baixa, perto do rio Tejo, são raros na cultura megalítica da Beira Alta. A divulgação destes pequenos vasos, coincide de uma maneira geral, com a da placa de xisto gravado.

O vaso esférico de maior tamanho (fig. 4, núm. 8) tem uma

(28) A. DO PAÇO, M. VAULTIER e G. ZBYSZEWSKI: "Gruta da nascente do rio Almonda", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XI, fasc. I, Porto, 1947, est. VI, IX e X.

(29) J. MALUQUER DE MOTES: "La estratigrafía arqueológica de la cueva de Toralla (Lérida)", *Ampurias*, VI, Barcelona, 1944, pág. 43.

(30) E. JALHAY e A. DO PAÇO: "El castro de Vilanova de San Pedro", *Actas y Memoria de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, t. XX, Madrid, 1945, pág. 55.

S. VILASECA ANGUERA: "Los hallazgos prehistóricos en Arbolí (Provincia de Tarragona)", *Ampurias*, III, Barcelona, 1941, págs. 45-62.

J. MALUQUER DE MOTES: Op. cit. in nota 29.

G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 10, est. 19, 23 (Los Millares).

J. PHILIPPE: Op. cit. in nota 10, est. XXV, 25.

P. VOUGA: "Le Néolithique lacustre ancien", *Recueil de Travaux publiés par la Faculté des Lettres sous les auspices de la Société Académique*. 17<sup>ème</sup> fascicule. Neuchâtel, 1934, est. XIV.

C. SCHUCHHARDT: "Westeuropa als alter Kulturkreis". *Sitzungsberichte der Königl. Preuss. Akademie der Wissenschaften*, 1913. Band 17. pag. 740. fig. 7 (Pornic, Nantes).

J. HAWKES: "Aspects of the Neolithic and Chalcolithic Periods in Western Europe", in *Antiquity*, vol. VIII, 1934, pag. 24-42.

(31) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 10, pág. 490.



maior ocorrência nas Antas da Beira Alta (Telhal, Meda, etc.), onde, acompanhado por um vaso de corpo quase cilíndrico e de fundo

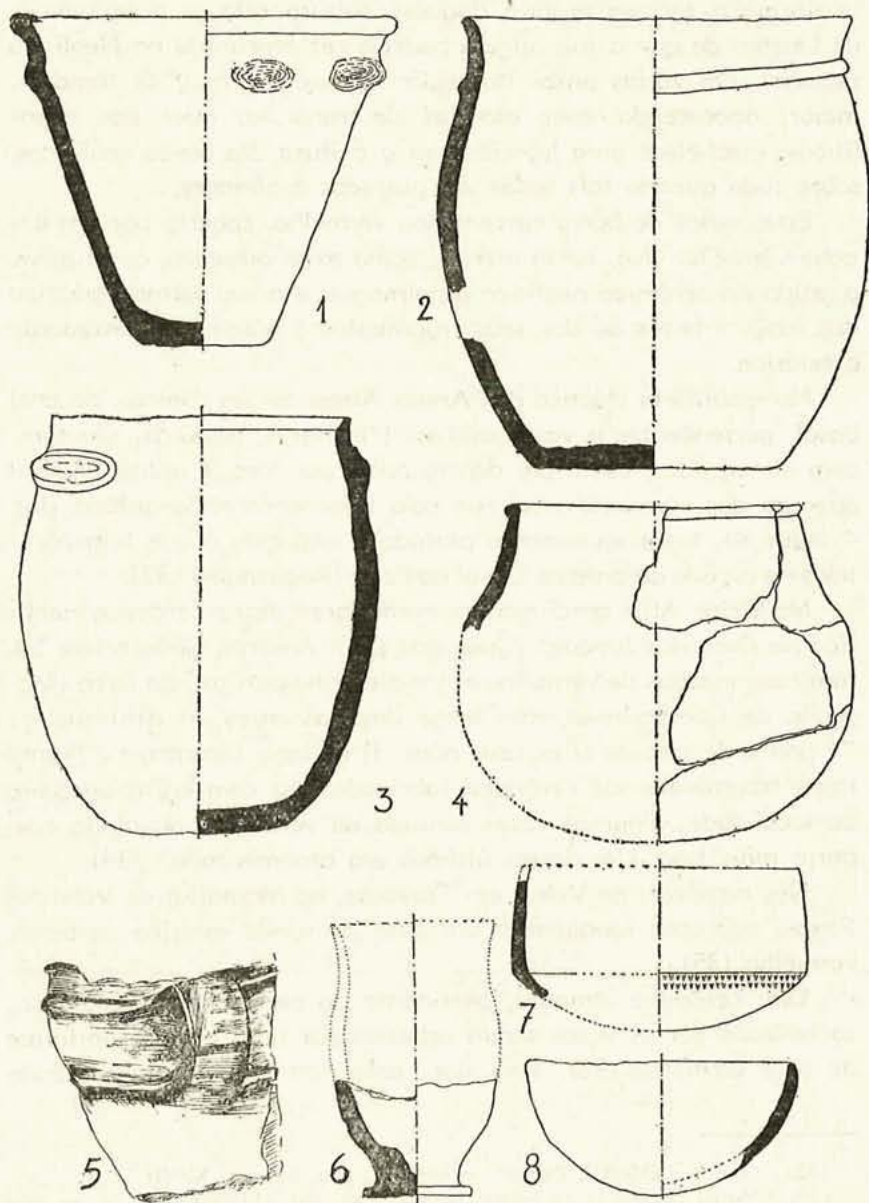


Fig. 4

plano que também nos aparece no povoado das Areias Altas, determina um aspecto da indústria cerâmica que se afasta bastante

da do Alentejo. A decoração destes vasos da Beira, com motivos ornamentais semelhantes aos das cerâmicas das grutas, aplicados conforme a técnica própria daquela cultura reforça a impressão de Leisner de que a sua origem poderia ser procurada no Neolítico regional. Em várias antas da região o vaso esférico, de tamanho maior, aparecendo quer espólios de transição, quer nos eneolíticos, estabelece uma ligação com a cultura dos povos neolíticos, sobre tudo quando tais vasos são pintados a almagre.

Estes vasos de barro cinzento ou vermelho, coberto por um engobe vermelho vivo, tanto interior como exteriormente, constituem o grupo da cerâmica neolítica de almagre, e a sua forma deduzida dos vasos inteiros ou dos seus fragmentos é quase exclusivamente a esférica.

No mobiliário clástico das Areias Altas, os pés cónicos, de anel basal, pertencentes a vasos ovoides (?) (fig. 4, núm. 5), são também almagrados, tanto por dentro como por fora. É muito possível que um dos vasos esféricos, de colo levemente estrangulado (fig. 4, núm. 4), fosse igualmente pintado a almagre, o que tem paralelos no espólio da anta do Olival da Pega (Reguengos) (32).

Na Beira Alta encontramos exemplares desta cerâmica neolítica na Orca dos Juncaes (Queiriga) (33). Amorim Girão refere cerâmicas pintadas de vermelho entre o espólio da Casa da Orca (Malhada de Cambarinho), não longe das nascentes do Alfusqueiro: "1 ponta de seta de sílex (est. núm. 3) de base biconcava e numerosos fragmentos de cerâmica fabricados ou com barro grosseiro da localidade, algumas vezes pintado de vermelho, ou ainda com barro mais fino. Um destes últimos era ornamentado" (34).

Nos arredores de Viseu, em Travaçós, no Mamaltar de Vale das Faxas, apareceu igualmente um vaso de fundo esférico de barro vermelho (35).

Esta cerâmica almagra, pertinente ao período neolítico, é caracterizada por os vasos serem cobertos por uma pintura uniforme de ocre vermelho (36). Tem sido, posteriormente muito estudada

(32) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 69, est. XXVII, 6.

(33) Museu Etnológico de Belem, núm. 9518a, seg. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 73.

(34) A. DE AMORIM GIRAÓ: "Antiguidades pré-históricas de Lafoes", Coimbra, 1921, pág. 49.

(35) J. COELHO: "Notas Arqueológicas", Beira Alta, VI, pág. 67.

(36) M. GÓMEZ MORENO: "La cerámica primitiva ibérica", Homenagem a Martins Sarmiento, Guimaraes, 1933, pág. 125-136.



pelos arqueólogos espanhóis quer para determinações culturais, quer cronológicas, considerando-a como um dos tipos guias da época do Neolítico hispano-mauritano (37).

Leisner acentua que sobre a expansão da cerâmica almagrada em Portugal não podemos, por agora, apresentar ideias definitivas. Parecia não ser muito vulgar nas antas de corredor. No entanto, "partindo do espólio da Anta do Poço da Gateira (Neolítico puro), no qual esta cerâmica se encontrava por primeira vez, documentada de uma maneira incontestável, podíamos, após uma revisão minuciosa de todos os cacos, reconhecer uma divulgação considerável desta indústria no concelho de Reguengos. Tal revisão devia estender-se a toda a cerâmica da cultura megalítica. Dois factos dificultam, no entanto, o estabelecimento de um quadro completo daquela divulgação. Em primeiro lugar temos várias provas de que os cacos expostos à intemperie perderam as camadas superiores" (38).

No Alentejo apareceu cerâmica deste tipo encorporada em espólios que, sob o ponto de vista cultural, pertencem ao Neolítico puro, ao Neolítico de cerâmica avançada e ao Eneolítico (Bronze I).

Baseando-se nos elementos entrevistados na exploração metódica das Antas de Reguengos, Leisner opina que a técnica da pintura a almagre não é oriunda, nem do Neolítico dos pequenos dólmenes alentejanos, nem do círculo mais vasto do Neolítico da Europa ocidental, mas que as suas relações se encontram no sul e no leste da Península.

De acordo com o exposto, e entre outras conclusões, inclui a cerâmica de almagre no círculo cultural do ídolo Almeriense, consequentemente ligado com os estratos do segundo período de Almeria, onde este tipo de ídolo nos aparece já em espólios neolíticos. Ídolo este que parece estar em íntima ligação com todo o conjunto

---

(37) J. MARTINEZ SANTA-OLALLA: "La fecha de la cerámica a la almagra en el Neolítico Hispanomauritano", Cuadernos de Historia Primitiva, Año III, número 2, Madrid, 1948, pág. 95 a 106.

J. SAN VALERO APARISI: Op. cit. in nota 10.

J. MARTINEZ SANTA-OLALLA: "Cereales y plantas de la cultura Ibero sahariana en Almizaraque (Almería)", Cuadernos de Historia Primitiva, Año I, número 1, Madrid, 1946, pág. 35-45.

B. SAEZ MARTIN: "Nuevos precedentes chipriotas de los ídolos placas de la cultura iberosahariana", Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, t. XIX, Madrid, 1944, pág. 134.

(38) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 73.

do emprego artístico da cor vermelha (39). A sua efígie aparece como um dos motivos principais na pintura megalítica. Tal dependência explicaria o aparecimento do fragmento do vaso de cor vermelha, com uma pequena asa, na Orca dos Juncaes (Queiriga), como sabemos ornamentada de pictografias vermelhas, de tipo esquemático e ascendência Levantina.

A presença de machados, enxós, micrólitos e louças do tipo neolítico, nas antas do Alentejo Oriental e da Beira Alta, bem atesta a ligação da cultura megalítica com a população neolítica. Encontram-se em muitas antas da Península resíduos da indústria neolítica, tais como micrólitos de tipos posteriores. Em muitas antas abundam porém micrólitos de tipos primitivos, pelo que Leisner pensa que os de tipo posterior não revelam sómente uma sobrevivência de formas, mas de uma participação activa do povo neolítico, embora por falta de ordem estratigráfica, seja, naturalmente, impossível dizer quais foram os limites de tal participação cultural.

Nas províncias do norte de Portugal e na Galicia, predominam, em algumas zonas dolménicas, os machados de secção rectangular, alcançando na Beira Alta a percentagem de 95 % (40). Comparando a difusão do machado cilíndrico com a dos tipos arquitectónicos, acentua Leisner (41) uma certa relação entre a divulgação da anta com corredor de dois grandes esteios e machado cilíndrico.

No litoral Ocidental de Portugal o machado cilíndrico está bem documentado nas grutas naturais e artificiais, aparecendo também na região dolménica da Figueira da Fóz.

Em todas as regiões dolménicas onde prevalece um machado de secção rectangular, escaceiam as enxós. Igual aspecto é notificado pelos investigadores do castro de Vila Nova de S. Pedro (42), os quais, então, confrontam a indústria deficiente de pedra polida com a perfeição dos objectos de sílex, aspecto também apresentado pelas Orcas da Beira Alta. Poderemos ligar este facto com o modo de viver destas populações, certamente baseado na caça.

Pelo contrário, na área litoral onde prevalecem os machados e enxós de forma perfeita e bem acabadas, simultaneamente com uma

---

(39) G. LEISNER: "Die Malereien des Dólmen Pedra Coberta", IPEK, 1934, Berlin-Leipzig, 1935.

(40) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 49.

(41) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, págs. 32 y 49.

(42) E. JALHAY e A. DO PAÇO: Op. cit. in nota 30, pags. 21 y 22.



indústria primitiva de sílex, sem retoque facial, surgem as ilações da existência de um mais generalizado amanhã da terra.

Podemos comparar a pervivência de indústrias remotas, com cerâmicas de tradição neolítica ligadas a outras do Bronze I, que ocorre no povoado das Areias Altas, com o espólio encontrado, numa sumária pesquisa, em várias estações do Sahára Espanhol (43), onde, com uma indústria de tipo Neolítico de tradição capsense, encontramos cerâmica do Bronze I. Surgem os mesmos problemas suscitados pela convivência de uma indústria lítica remota conjuntamente com cerâmicas avançadas (44).

A posição dos micrólitos na Anta do Poço da Gateira forneceu a Leisner (45) uma base para a cronologia relativa de alguns tipos: "O micrólito em forma de meia lua encontrado no fundo da câmara pertence, com certeza, a uma das primeiras inumações, ao passo que o micrólito de base recta, no corredor, pertence à última inumação. Tal facto coaduna-se com a posição cronológica atribuída aos micrólitos em forma de segmento de círculo. Em Portugal apareceram em várias estações mesolíticas (46), em grutas neolíticas (47) e ainda em grutas de espólio parcialmente eneolítico (48). Saíram também de dólmenes primitivos da região de Montemor-o-Novo, sendo, porém, rara a sobrevivência deste tipo em antas de épocas posteriores, das quais apenas se podem citar alguns exemplares" (49).

"Na indústria mais primitiva incluem-se ainda os trapézios do tipo 2 com os lados de comprimento igual, sobretudo os de tamanho pequeno, trabalhados em lascas de facas finas e estreitas, típicas do Neolítico mais antigo" (50).

---

(43) M. ALMAGRO BASCH: "Prehistoria del Norte de Africa y del Sáhara Español", Instituto de Estudios Africanos, C. S. de I. C., Barcelona, 1946, pág. 64 e figs. 17 a 20.

(44) Tal facto surge, igualmente, em várias antas do Alentejo; Vid. G. e V. LEISNER, Op. cit. in nota 11; E. JALHAY, A. DO PAÇO e L. RIBEIRO: "Estação Prehistórica de Montes Claros", Revista Municipal, núm. 20 e 21; e E. JALHAY: "Una fase interesante del Bronce inicial portugués", Ampurias, IX-X, Barcelona, 1947-1948, pgs. 13-20 e est. I-VII.

(45) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 56 e 57.

(46) Moita da Sebastiao, Cabeço da Arruda (Muge).

(47) Gruta dos Carrascos.

(48) Gruta do Poço Velho (Cascais), Gruta da Galinha.

(49) Anta da Capela, Alentejo; Anta do Rio Torto, Penedono (Beira Alta).

(50) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 57. Para os autores estes micrólitos neolíticos diferenciam-se do tipo semelhante dos concheiros por terem os lados do trapézio não quebrados, mas rectilíneos.

Este tipo rareia nas antas já contemporâneas do Bronze I, no entanto foi encontrado em várias antas da Beira Alta: Anta do Rio Torto, Orca do Tanque, Orca da Cunha Baixa, Anta de Pedralta e Mamaltar de Vale de Fexas; contrariamente escasseia nas antas alentejanas. Da região de Ponte do Sôr (Dolmen de S. Bernardo) existe no Museu Etnológico de Belem um exemplar do tipo referido e como Leisner por lá entreviu vários pequenos dolmens que poderiam pertencer ao tipo primitivo, espera aquele douto Arqueólogo que o facto de o micrólito desta forma andar ligado ao dolmen primitivo seja confirmado noutras regiões do Alentejo Ocidental.

"Estes tipos mais primitivos, aos quais se juntam os triângulos com o lado inferior alongado e as peças de ponta lateral, têm, além

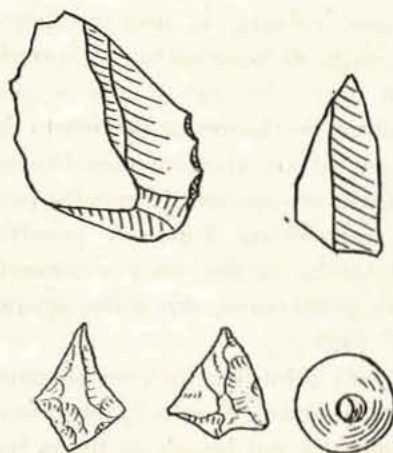


Fig. 5

de analogias com a indústria dos concheiros portugueses, afinidades com o neolítico de tradição capsense e com o oraniense, da Africa do Norte" (51).

Os trapézios com o lado superior mais comprido (tipo 3), e os trapézios de base recta (tipo 4), já mais evolucionados, têm uma larga difusão e dilatado emprego. Aparece-nos em Muge (Cabeço da Arruda) e na Beira Alta, na Orca do Tanque, Orca do Velhal (figs. 4, núm. 8 e fig. 5), e no Mamaltar do Vale de Fexas. Os trapézios com entalhe na base (tipo 5), raros nas antas de corredor alentejanas, foi também encontrado nas antas da Beira Alta:

(51) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, págs. 57 e 58.



Anta do Rio Torto e Mendelim. O seu achado frequente na gruta 3 de Palmela pode sugerir um novo facto para o estabelecimento de relações entre a cultura de Palmela e as coevas populações da Beira Alta.

São pouco vulgares no Norte e Centro serrano de Portugal os silices que, pelo seu polimento lustroso dos bordos, possam ser considerados como elementos de foicinhas.

A divulgação destes elementos de foice prova pertencerem a uma época de agricultura desenvolvida cujos focos culturais temos de buscar na orla litoral. A sua escassêz na zona peneplanáltica, onde proliferou a cultura megalítica, permite a ilação de que estas populações construtores das Orcas se dedicavam a actividades essencialmente pastorís e, provávelmente, ainda no início da época do Bronze se conservavam nas regiões serranas afastadas da costa.

Em todas as regiões aqui citadas o tipo de anta com corredor de dos grandes esteios, poderia ter provindo de um Neolítico local e marcar uma certa fase evolutiva da cultura megalítica que, em regiões mais afastadas das correntes culturais provenientes do litoral, sobreviveu até épocas posteriores. Naturalmente, tal teoria é apenas hipotética e exige, para a sua confirmação, novas excavações nas províncias do norte de Portugal. Devemos ainda mencionar que alguns dolmens de Salamanca apresentam reminiscências deste tipo de corredor, que provavelmente foi levado de Portugal para a Catalunha (52).

A cerâmica é por vezes muito tosca, de barro pouco puro e imperfeitamente cozida. As formas são muito simples: escudelas hemisféricas ou troncocónicas, vasilhas cónicas ou quase cilíndricas com o fundo plano ou arredondado. Quase que não são ornamentadas; quando decoradas os motivos são muito simples e reduzem-se a incisões punctiformes mais ou menos regularmente dispostas, linhas, unhas e impressões digitais, cordões com impressões ou relêvos, impressões cardiais. Faltam as asas que estão substituídas por pequenas pegadeiras salientes verticais, ou, mais raramente, horizontais (Muge) e furadas para a suspensão.

É muito possível que a escavação das pequenas antas, sem corredor, do Monte Mósinho (Penafiel), do plaino do Ladario, sobran-

---

(52) L. PERICOT GARCIA: "Los Sepulcros Megalíticos Catalanes y la Cultura Pirenaica", Monografías del Instituto de Estudios Pirenaicos (C. S. de I. C.), Prehistoria y Arqueología, 4, núm. general 31, Barcelona, 1950, pag. 121.

ceiro á Seixa (Vouzela) que contêm machados polidos cilíndricos (facto raro na Beira Alta: região onde predominam os machados rectangulares), nos forneça os necessários elementos locais para o estudo dos megálitos sem corredor, semelhantes ao do Alentejo, Montemor-o-Novo, Lavre e Canha (53), Pavia (54), e na região do Guadiana, herdade de Font'Alva (55).

Valioso contributo para o esclarecimento desta questão foi dado pelas investigações de Leisner nas antas alentejanas. Se não podemos hoje admitir a evolução ininterrupta de todos os tipos arquitectónicos, desde "os dolmenes neolíticos de Alvao" até as cistas megalíticas, incluindo nesta evolução as sepulturas de cúpula (56). Também não nos podemos apegar á teoria inversa, colocando em último lugar os pequenos dolmens como resultado duma degeneração; tão pouco considerar a **tholos** oriental como protótipo de toda arquitectura megalítica da Península (57), basados num progressivo conhecimento das culturas Norte Africanas e do Próximo Oriente, investigações que permitem inserir as culturas Hispânicas em círculos culturais cada vez mais vastos.

A teoria de uma dependência absoluta da cultura megalítica do Oriente é defendida por Martínez Santa-Olalla, que considera as sepulturas de cúpula do sudeste de Espanha como o foco mais antigo e a origem de toda evolução megalítica. Daniel, distingue duas linhas evolutivas uma agrangendo as sepulturas do corredor e ligada à **tholos**, outra formada pelas sepulturas de galeria (58).

O quadro cultural, nos seus aspectos básicos, confirma a impossibilidade de estabelecer uma unidade entre os povos constructores das **tholoi** e os das antas. O povo megalítico das regiões mais elevadas e distanciadas do litoral, manteve sempre um **habitat** igual ao típico dos primeiros povos neolíticos da Península, provavelmente em consequência duma actividade pastoril primitiva.

Após um curto florescimento das teorias orientalistas, volta-se

(53) Excavações inéditas do Doutor Manuel Heleno.

(54) V. CORREIA: "El Neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal)", Memoria número 27 de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas de la Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, Madrid, 1921, págs. 35, 57, 62 e 70.

(55) Excavações do Major Alfonso Do Paço.

(56) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, págs. 169-170.

(57) Defendem tal teoria J. Martínez Santa-Olalla, G. E. Daniel, V. G. Childe, C. F. C. Hawkes, C. D. Ford, H. J. Fleure e H. J. E. Peake.

(58) G. E. DANIEL: "The dual Nature of the Megalithic Colonisation of Prehistoric Europe", Proceedings of the Prehistoric Society, Paper 1, Cambridge, 1941.



a atribuir novamente á Europa uma força criadora na evolução architectónica do Neolítico e Bronze inicial. Tem aumentado, nos últimos anos, o número de arqueólogos empenhados em justificar a existência de uma ligação mais íntima entre a cultura megalítica e o Neolítico europeu (59).

Volta-se em parte a teorias antigas; porém Leisner não acredita na prioridade da pequena camara poligonal como tipo mais antigo, nem na sequência evolutiva da sepultura megalítica para a de cúpula. Defende uma evolução autoctone da sepultura megalítica em Portugal, problema esse para cuja solução as Antas de Reguengos forneceram novos esclarecimentos: tais como "em primeiro lugar, o aparecimento de espólios neolíticos em dólmenes de corredor; em segundo lugar, a construção de duas **tholoi** posteriormente a dólmenes de corredor, e, finalmente, o reconhecimento de duas correntes culturais diferentes nas antas: uma delas mostrando uma evolução sobre bases neolíticas, a outra revelando todo o material eneolítico" (Bronze I).

No decurso destas investigações foram observadas determinados factos que estabeleceram uma íntima relação entre os estratos neolíticos e a cultura megalítica de maneira que jamais pode ser defendida a teoria de serem os pequenos dólmenes, sem corredor, apenas formas degeneradas.

"Todos estes factos permitem admitir a hipótese de que o pequeno dólmen em forma de galeria teria sido o tipo mais antigo. Posto que ainda falte uma documentação integral, já se nota, também no ocidente da Península, uma evolução que, em todos os períodos, conserva características da sepultura de galeria. A confirmação destas hipóteses viria esclarecer vários problemas". Explicar-se-ia assim a evolução da técnica construtiva das grandes antas portuguesas.

"Consequentemente, a cultura das pequenas antas poderia ser equivalente à das sepulturas neolíticas do leste da Península e a sua origem poderia caber numa das correntes mais antigas da neolitização da Península" (60); no entanto posterior ao estrato neo-

---

(59) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pags. 172 e 173.

J. HAWKES: "Les monuments sacrés en Grande-Bretagne", Revista de Guimarães, LIX, 1-2, Guimarães, 1949, pág. 120 e segs.

L. PERICOT GARCIA: "La España Primitiva", Barcelona, 1950, pág. 146.

(60) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 173 a 175.

lítico de Muge, área donde provêm alguns machados cilíndricos (61).

"A existência de sepulturas de espaço alongado, também em Portugal, colocaria, numa época mais avançada, a divisão das formas arquitectónicas em sepulturas de corredor e sepulturas de galeria. A divulgação do primeiro destes tipos pelas costas atlânticas ocidentais" e do meridiao, "apenas se teria efectuado na segunda época da evolução megalítica em Portugal, época que corresponde ao íbero-sahariano e ainda ao período do vaso campaniforme" (62).

---

(61) Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

(62) G. e V. LEISNER: Op. cit. in nota 11, pág. 175





- 1.—Aspecto da camada do Cabeço da Amoreira (Muge) mostrando a recolha do vaso semi-esférico.
- 2.—Povoado da Areias Altas (Porto). A lareira de uma habitação já completamente descoberta.

(Fotos Russell)